

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 134 & Nº 135

FEV/MAR. & ABR. - 1979

ANO XIV -

coletânea de artigos

DO Nº
134

calorosa mensagem do p.c. da colômbia (m-1)

um novo foco de reação e de guerra

1979: ano stálin

superar debilidades para avançar melhor

DO Nº
135

maquinações anti-democráticas

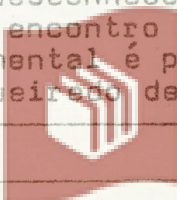
força de 1ª grandeza no cenário nacional

perspectivas do desenvolvimento da luta revolucionária

maquinações anti-democráticas

O governo militar, chefiado pelo general Figueiredo, revela em curto período todo o seu reacionarismo e sua incapacidade para fazer frente à grave situação que o país atravessa. Já no começo de seu cargo, investiu contra o movimento operário, decretando abusivamente a intervenção em sindicatos em São Paulo. A inflação dispara, refletindo-se na carestia de vida — já se fala que será de 70 e até 80% o nível no final do ano. E a crise político-institucional perdura, agravada pelas manobras de bastidores. Sua jurra solene de democratizar o país não passa de demagogia barata. Os verdadeiros donos do poder alinhavam na sombra projetos de sustentação do regime reacionário. Sob a batuta do criador do SNI e agente do capital estrangeiro, general Golbery, forjam-se medidas destinadas à institucionalização da ditadura, sob disfarces constitucionais e, para levá-las à prática, tenta-se dividir e enfraquecer a oposição; ao mesmo tempo que se propagam ilusões acerca de reformas supostamente vinculadas à liberalização do sistema.

A anistia e as eleições diretas entram no rol de semelhantes reformas, uma vez que se transformaram em movimentos de grande envergadura e, juntamente com a Constituinte e a revogação das leis de exceção, ganharam a opinião pública. O governo já não pode desconhecê-las; trata, porém, de desvirtuar seu conteúdo, aparentando ir ao encontro das aspirações nacionais. A anistia prevista pela equipe governamental é parcial, limitada, condicional. Desde sua indicação ao Planalto, Figueiredo defende este tipo de anistia, argumentando com



a resistência entre os militares; todavia, ante a repulsa da imensa maioria dos brasileiros, que reclamam a anistia ampla e sem restrições, busca contornar a situação. Seu ministro da Justiça insinua que a anistia a ser decretada seria a mais abrangente, contudo, os anistiados estariam sujeitos de imediato aos dispositivos da Lei de Segurança em vigor, instrumento de arbítrio e violência contra as forças democráticas e progressistas. Assim, ao mesmo tempo em que se concederia anistia, obrigaria-se os beneficiados por esta medida a moverem-se de acordo com as conveniências do regime militar, em caso contrário, novas punições seriam aplicadas. Por este meio, anistiar-se-ia, na realidade, apenas os adesistas, acomodados ou oportunistas, os conformados com as migalhas da "abertura" oficial; as portas das prisões, em princípio, somente se abririam por um curto prazo.

O povo brasileiro, certamente, não se deixará enganar. Compreende a anistia como profunda aspiração democrática, que precisa urgentemente ser concretizada, mas a conquista da anistia é inseparável da luta pela abolição total e imediata de todos os atos e leis arbitrários, à maneira da Lei de Segurança, ou do julgamento de civis pela justiça castrense, incompatíveis com qualquer regime democrático. A anistia não é apenas o cancelamento das punições injustas, a libertação de presos, a volta de exilados. Anistia é também a liquidação dos instrumentos utilizados para castigar patriotas e democratas, com o fim de assegurar a continuidade de um sistema retrógrado, que tantos danos causou e vem causando à nação.

As eleições diretas enquadram-se também no esquema diversionista do governo. Ele parece disposto a concedê-las para o futuro, no caso dos governantes de Estado; o que, aliás, já fizeram os outros generais, sem cumprirem suas promessas. Adotá-las hoje, para negá-las amanhã, é uma forma de neutralizar forças oposicionistas e obter o aval para as governanças estaduais espúrias, indicadas pelo Planalto. E, de cambulhada com essa pretensa concessão, viriam também a legitimação dos senadores bionicos para a presente legislatura e a reafirmação de que para Presidente, o pleito será sempre indireto, sob o controle dos militares. Fala-se mesmo no adiamento das eleições municipais, que nada de bom prometem aos atuais governantes.

Figueiredo e seus colaboradores tratam apenas de ganhar tempo, na difícil quadra por que passa o Brasil, para enfrentar os adversários e levar adiante os planos de institucionalização reacionária. A Carta Constitucional outorgada se mantém, do mesmo modo que os seus complementos repressivos: a Lei de Segurança, a Lei anti-greve, a Lei de imprensa, o decreto-lei 477, a justiça militar de exceção, as salvaguardas de estado, etc, etc. A política econômico-financeira, a serviço do capital estrangeiro e de poderosos grupos monopolistas, que agrava a cada dia a vida das massas, é preservada cuidadosamente. E, assim, nenhum dos problemas que afligem a nação são resolvidos, sequer amainados.

Há um único caminho para o povo, para os democratas e patriotas, e para os que não se conformam com o atual estado de coisas: é levantar bem alto a bandeira de luta pela abolição total e imediata de todos os atos e leis arbitrários, pela anistia Geral e Irrestrita e pela convocação de uma Assembleia Constituinte livremente eleita. A conquista da liberdade política é o objetivo comum do movimento democrático em curso, objetivo que não admite temporização com Figueiredo e suas reformas enganadoras, nem qualquer trégua no combate ao regime retrógrado. Às manobras do governo, o povo responde com ações completas, visando o seu completo desmascaramento. Anistia sim, mas anistia e liberdade! Eleições diretas sim, mas eleições diretas em curto prazo e em todos os níveis! Combate à inflação sim, mas combate à inflação às custas dos ricos e jamais dos pobres! Negociações entre patrões e operários sim, mas negociações operário patronais e direito de organização e de greve!

As maquinações de Figueiredo, Golbery e companhia não vingarão, como não vingaram as tramóias pseudo-reformistas de Geisel e de seus sequazes. As grandes e poderosas greves que abalam o país, ao lado das reivindicações salariais e direitos sociais, não tardarão a evoluir para reivindicações nitidamente políticas, como a extinção da Lei de Segurança e da Lei de greve, e o fim do regime militar. Conjugadas com as ações políticas de outros setores da população, acabarão por converter-se numa potente alavanca democrática capaz de remover os entulhos acumulados do arbítrio e da prepotência.

1979: ano stálin



Neste ano registra-se o centenário do nascimento de Stálin. Os marxistas de distintos países realizarão extensa programação destinada a destacar o papel e a obra desse eminente revolucionário proletário. O Partido do Trabalho da Albânia, entre outros, aprovou uma resolução tendo em vista a celebração dessa data. Também o Partido Comunista do Brasil participa desse extraordinário acontecimento. Neste sentido, o Comitê Central adotou uma resolução considerando o ano de 1979 como o Ano Stálin. Diz a resolução:

"Os diferentes organismos do Partido devem programar, dentro das suas possibilidades, a difusão das idéias e obras de Stálin, do seu trabalho incansável pela revolução e pela construção do socialismo. Toda a história da vida de Stálin sempre esteve ligada à defesa do partido leninista, dos seus princípios e de sua política revolucionária. Jamais deixou de combater os revisionistas e os oportunistas de toda a espécie, os trotskistas contra-revolucionários, os inimigos da classe operária, onde quer que se encontrassem. Discípulo fiel de Lênin, Stálin foi o continuador do grande chefe da Revolução de Outubro, defendeu e enriqueceu a doutrina de Marx, Engels e de Lênin.

A bandeira sustentada por Stálin, continua tremulando nas mãos do proletariado mundial. Sua memória de revolucionário consequente, persistirá através dos tempos, alentando as fileiras comunistas, estimulando com seu exemplo histórico todos os que aspiram ao socialismo e ao comunismo.

Já no dia 5 de março de 1953, data de seu falecimento, realizou-se um ato solene, no qual usou da palavra um membro do Comitê Central, ressaltando a figura de Stálin como dirigente do 1º Estado Socialista do mundo, teórico de notáveis méritos. Com a morte de Lênin, disse ele, seu lugar foi ocupado durante quase 30 anos por Stálin, que à frente do Partido Comunista da União Soviética, realizou com sucesso três das maiores tarefas no curso da construção socialista: a industrialização em grande escala no país, a coletivização da agricultura e a organização da defesa nacional que levou à derrota dos planos de Hitler de domínio mundial. Outro membro do Comitê Central, referindo-se à 3ª Internacional, que comemora este mês seu 60º aniversário de fundação, assinalou que Stálin, depois de Lênin, foi o grande líder dessa organização mundial, sob cuja orientação formaram-se os partidos comunistas de muitos países, partidos que jogaram papel destacado na luta da classe operária contra o capitalismo e pelo socialismo.

A valorização do papel de Stálin é inseparável da luta de classes que se trava em toda a parte. Os revisionistas, lacaios da burguesia ou burgueses de novo tipo, lançaram infâmias sem conta sobre a obra e a memória do grande combatente da classe operária. Mas a sua herança é riquíssima e sempre foi resguardada e defendida como um patrimônio do proletariado pelos verdadeiros comunistas.

Com o passar do tempo, a vida comprovou que Stálin tinha razão, que seus detratores não eram mais do que renegados do socialismo, adeptos do sistema capitalista. Quem luta honestamente pelo socialismo e está convencido da inevitabilidade da vitória mundial da causa proletária, encontra na atividade de Stálin ricos ensinamentos, que aclaram o caminho para a emancipação dos explorados e oprimidos. Os que se dispõem a construir a nova sociedade, à frente da revolução, têm na obra de Stálin indicações de extraordinário valor que ajudam a manter firme a direção, a evitar a perda de rumo ou um desvio oportunista.

No decorrer deste ano "A Classe Operária" publicará artigos, estudos, dados biográficos e outros materiais sobre Stálin, contribuindo assim para a educação revolucionária marxista-leninista dos comunistas brasileiros."

CDM

Centro de Documentação e Memória
Revista Comunista Brasileira

força de 1ª grandeza no cenário nacional

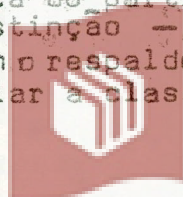
A classe operária brasileira está ingressando numa das fases mais importantes de sua história. Faz doze meses que ela avança a passos de gigante, na recuperação do terreno perdido sob a ditadura militar, e na busca do seu caminho de libertação. Já se impôs, enquanto classe, como personagem de primeira grandeza no cenário político nacional; é hoje o principal impulsor da luta pela liberdade.

Após o golpe de 1964, acelerou-se brutalmente a concentração de capitais nas mãos de multinacionais, dos monopólios e do Estado burguês em poder dos militares; concentrou-se também a produção. Milhares, dezenas de milhares de trabalhadores foram reunidos em grandes unidades fabris. As mil maiores empresas do país congregam hoje não menos de dois milhões e meio de operários. É nelas que o antagonismo entre o trabalho e o capital torna-se mais agudo, no seu interior encontra-se o cerne do proletariado brasileiro, sua parcela mais compacta, mais consciente, educada e disciplinada pela grande produção capitalista. Concretamente, isto se verifica sobretudo no ramo metalúrgico e, em primeiro lugar, no cinturão industrial de São Paulo. Ali se formaram os protagonistas da corrente que tomou a dianteira das lutas operárias.

Trata-se de um fenômeno de massas, surgido de baixo para cima e de vastas proporções. Foram centenas de milhares os trabalhadores da grande indústria que tiveram seu batismo de fogo nestes doze meses e se forjaram na escola da luta de classes, nas greves de maio, junho, julho, outubro, novembro do ano passado, e de março deste ano, na luta por um sindicalismo autêntico, na mobilização política antiditatorial e na campanha para as eleições de 15 de novembro, na corajosa resistência à repressão sustentada pelos metalúrgicos do ABC. É todo um segmento da classe operária que se destacou na luta, já percorreu uma trajetória considerável e adquiriu certa experiência.

No plano da consciência, este setor avançado manifesta um sentimento de classe intuitivo, mas muito arraigado, produto direto dos choques com o capital, e tem dado provas de uma desconfiança altamente salutar diante das tentativas de envolvimento, quer por parte da burguesia liberal ou social-reformista, quer da pequena burguesia radical. Houve um momento em que o zelo na preservação da independência parecia deslizar para uma atitude de isolamento do movimento operário e até de negação da luta política. Esta inclinação, porém, não resistiu ao confronto com os fatos, foi outra tendência que prevaleceu nas batalhas contra o decreto anti-greve e as reformas constitucionais de Geisel, na campanha eleitoral. Na greve metalúrgica de março, fortaleceu-se na classe operária a consciência política democrática, a disposição de luta pela liberdade. A última greve do ABC, em especial, adquiriu o conteúdo e a forma de um protesto eminentemente político, contra o novo governo militar anti-operário e opressor. Com ela, os metalúrgicos das grandes empresas de São Bernardo, Santo André e São Caetano colocaram-se, objetivamente, na primeira linha do combate democrático; aglutinaram em torno de si a solidariedade de outros setores assalariados e de diferentes forças de oposição; demonstraram na prática que a classe operária reúne as condições necessárias para tornar-se a vanguarda de todas as forças interessadas na conquista da liberdade, no atual combate à ditadura disfarçada de Figueiredo, Golbery e companhia.

No plano da organização, os grevistas conquistaram importantes posições nos sindicatos e impulsionaram a criação de comitês de fábrica, o que tem grande valia para a consolidação de um movimento operário independente. Mas na medida em que aumentava o nível de luta e de consciência, as exigências organizativas também teriam que se elevar, acima do plano meramente sindical e corporativo, como de fato ocorreu. Hoje se discute nas grandes concentrações proletárias a problemática do partido dos trabalhadores e aqui torna-se indispensável fazer uma distinção — uma coisa são as maquinações de conhecidos pelegos sindicais, com o respaldo do governo, os esforços para ressucitar o PTB, visando conciliar a classe operária com a democracia



relativa dos generais; outra coisa é o desejo manifestado por um bom número de operários, inclusive líderes expressivos, de atuar politicamente para defender os interesses de sua classe. Este desejo é perfeitamente compreensível.

O Partido Comunista do Brasil, fiel às suas tradições, tem colaborado, desde o início, na medida de suas forças, para impulsionar o movimento independente surgido nas grandes indústrias. Tive participação ativa nas lutas desta nova fase, saindo-se fortalecido e aumentando sua influência entre as massas operárias. Mas, ainda existe uma distância considerável entre o partido que somos e o partido que precisamos e podemos ser. E como em política não existem espaços vazios, toda posição que deixa de ser ocupada pelo partido revolucionário do proletariado, mesmo dentro de sua própria classe, fica à mercê de outras forças políticas estranhas, ou mesmo hostis aos interesses proletários. No Brasil de hoje, este risco se coloca de maneira muito concreta: a classe operária está sendo assediada, bajulada, cortejada por todos os lados; proliferam as tentativas de forjar partidos "operários"; até o general Figueiredo declara ser um social-democrata, para não falar de Delfim Neto, que já se proclamou socialista. As mais diferentes facções da burguesia trabalham com afinco, em regime de urgência, para abastardar o nascente movimento classista, antes que seja tarde demais; não poupam recursos para aliciar e corromper lideranças. Com tais estratégias, e mais a continuidade da repressão policial, os donos do poder e os adeptos da conciliação esperam fazer as coisas voltarem aos eixos, refrear as greves e, acima de tudo, tornar inofensiva a presença operária na arena política. A situação exige, portanto, que o Partido Comunista do Brasil multiplique o trabalho dentro de sua classe, em particular no segmento que se destacou na luta. Os militantes que são



operários nas grandes empresas, ou ativistas sindicais, assim como o conjunto dos comunistas, têm pela frente tarefas inadiáveis da maior importância neste plano: é necessário tornar o Partido e a classe unidos como unha e carne. Os trabalhadores que vêm se lançando à luta, estão sedentos de orientação política acertada. O Partido precisa lançar-se mais amplamente junto a eles, com sua linha para o momento atual e, também, com sua fisionomia política e ideológica próprias, como destacamento de vanguarda do proletariado, de luta pela democracia popular, pelo socialismo e pelo comunismo. Os métodos de agitação e propaganda devem ser adequados, para não expor nossas organizações à repressão, mas também audaciosos para atingir grandes massas.

O recrutamento de novos militantes nas fábricas tem prioridade número um. Vários milhares de operários, principalmente jovens, se formaram como combatentes de vanguarda ao longo dos últimos meses. O lugar destes companheiros é dentro do Partido Comunista do Brasil. Tanto cada um deles, como também o Partido, têm muito que aprender um com o outro, e o aprendizado se faz, fundamentalmente, depois e não antes do recrutamento. É preciso rigor nesta tarefa para evitar as infiltrações policiais, mas é preciso, igualmente, muita ousadia para nos colocarmos à altura das exigências atuais. Em períodos de terror fascista e de recuo do movimento de massas é até certo ponto justificável ter um partido somente de quadros, com um efetivo mais reduzido, embora vinculado estreitamente às massas. Porém, quando a situação se reverte, como está ocorrendo, a multiplicação das fileiras partidárias, sem descurar da qualidade, converte-se no imperativo da luta, torna-se necessário um partido relativamente numeroso, com organizações de base



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

superar debilidades para avançar melhor

Em nosso país, hoje, operam-se importantes transformações. A crise em que se debate o regime militar, e o avanço crescente do movimento de massas tornam mais próximo o novo fluxo revolucionário, para o qual os comunistas devem estar preparados em todos os aspectos: político, ideológico e organizativo. É necessário compreender que só poderemos avançar no sentido de acelerar o processo político no caminho da revolução, se contarmos com um partido verdadeiramente proletário, que tenha firmeza marxista-leninista e flexibilidade tática, grande espírito de iniciativa e combatividade. Um partido que pulse o espírito revolucionário nas suas fileiras e que esteja vivamente inserido na luta de classes, nas ações reivindicativas e políticas das grandes massas trabalhadoras e populares.

Neste momento, importa compreender a real situação de nosso Partido, atentar para as suas debilidades e como superá-las rapidamente, a fim de que possamos ficar à altura das novas tarefas.

Nosso Partido vem avançando, aumenta sua influência política, a adesão às suas bandeiras de luta é cada dia maior. As suas fileiras vêm se ampliando e muitos são os fatores que contribuem para isso. Em suas orientações táticas em geral, nosso Partido vem mantendo uma grande sintonia com o movimento político em curso. Em sua história recente deu provas inequívocas da consequência com que assume o caminho revolucionário, sendo o exemplo do Araguaia o ponto mais alto. Conta com um coletivo militante composto dos melhores filhos do povo, que atua com invulgar dedicação e procura levar à prática, com combatividade, a orientação partidária. E a este coletivo, temperado na negra noite do terror fascista, vêm juntar-se aqueles que mais se destacaram nas atuais mobilizações de massa, o que cria uma nova vitalidade nas nossas fileiras, que, corretamente aproveitada, se transformará em importante capital político.

DEBILIDADES A SUPERAR

Se alcançamos conquistas importantes, enfrentamos, no entanto, algumas debilidades que dificultam o cumprimento do nosso papel de vanguarda no processo político em curso. O desenvolvimento da situação brasileira nos é grandemente favorável; resta, apenas, sabermos aproveitá-lo com vigor revolucionário, sem perda de tempo.

(continua)

conclusão do artigo "Força de primeira grandeza"...

atuantes nas principais empresas industriais de cada área, capaz de sentir o pulsar da luta de classes e conduzi-la a cada passo. Hoje o Partido precisa estar organizado pelo menos no conjunto das grandes fábricas, que concentram o setor mais avançado da classe e têm encabeçado as ações de massas operárias.

É perfeitamente possível ganhar para o Partido um grande número de operários que se destacaram nas greves, na luta sindical e política. Eles são os portadores dos elementos de consciência revolucionária e socialista existentes em embrião no movimento da classe, mostram-se receptivos à mensagem revolucionária do Partido, que deve chegar a cada um deles. Devemos dizer-lhes, sem rodeios, que o Partido Comunista do Brasil é o seu partido, o autêntico partido dos trabalhadores, o único a combater pelo socialismo científico, proletário, sem classes parasitárias, nem exploração do homem pelo homem. O único a fechar de fato suas portas aos exploradores, aos pelegos e aos oportunistas. O caráter operário do Partido Comunista do Brasil exprime-se em seus princípios marxistas-leninistas, em sua linha revolucionária consequente e coerente, em sua origem, em sua história de mais de meio século, nos heróis e mártires que produziu. Precisa agora ser reforçado com a adesão em larga escala dos melhores filhos do proletariado brasileiro, temperado nas últimas lutas. Somente assim mereçeremos o nome de Partido Comunista; somente assim nossa classe tornar-se-á capaz de cumprir, até o fim, sua missão histórica libertadora.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

O nosso quadro partidário cresceu, mas ele é relativamente jovem, com pouca formação teórica, pouca experiência de luta revolucionária e pouca vivência partidária. Em decorrência disso, existe muita dependência em relação à direção no que se refere à compreensão do momento político em curso. Há também um certo praticismo na atuação em frentes de massa e uma precária compreensão da importância do funcionamento normal dos organismos partidários, em especial das organizações de base como núcleos fundamentais de nossa atuação política.

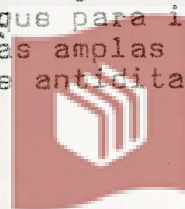
A nossa participação ativa no movimento real aumentou mas, ao lado da grande combatividade demonstrada pela maioria da militância partidária, surgem determinados comportamentos que devem ser rapidamente modificados, pois causam enormes prejuízos. Há manifestação de timidez política na atividade junto às massas e junto às forças aliadas. Alguns camaradas não levam com ousadia as orientações traçadas para suas frentes específicas de trabalho. Essas posições defensivas são, em boa parte, decorrentes da inexperiência política, da pouca assimilação das orientações traçadas e das dificuldades que se tem para assumir o espírito revolucionário na atividade prática cotidiana. A sua superação num curto prazo, no entanto, é de fundamental importância, pois só assim cada militante pode jogar o papel de vanguarda que a situação do país e as lutas populares exigem.

VENCER O SECTARISMO

Para superar as debilidades que se verificam no coletivo partidário, precisamos combater com vigor todas as manifestações de sectarismo e vencê-las sem perda de tempo. Se estas manifestações continuarem a se repetir, não temos dúvidas de que irão causar danos cada vez maiores ao Partido, isolando-o das grandes massas, em cujo seio devemos obrigatoriamente atuar, isolando-o inclusive dos setores mais avançados e combativos. Qualquer contemporização neste sentido só resulta em prejuízo. Sabemos que a revolução é obra de milhões. Jamais será feita pelo Partido sozinho, por mais dedicados e combativos que sejam seus militantes e dirigentes. Não podemos vacilar no combate a qualquer manifestação sectária, que nada tem de comum com as idéias e práticas verdadeiramente comunistas.

Em nossas fileiras, o sectarismo se manifesta não só em nossa atividade de entre as massas, mas também na própria vida interna do Partido, e assume as mais variadas e imprevisíveis formas, desde as incompreensões de como o Partido conquista a hegemonia no trabalho de frente-única, até a incapacidade ou descaso no trabalho junto a setores mais atrasados; também na forma como levamos para as frentes específicas as nossas bandeiras de luta ou as orientações táticas para cada situação que se apresenta. Em alguns momentos atuamos rigidamente, sem flexibilidade tática nem habilidade para trabalhar com os setores não comprometidos com nossas posições; transformamos qualquer questão numa questão de princípio, mesmo em torno de problemas que poderíamos negociar ou mesmo fazer concessões. Um estudante, por exemplo, que não assume todas as bandeiras táticas que defendemos não pode, segundo os sectários, concorrer juntamente conosco na chapa de um diretório; ou no Comitê de Anistia, quem não aceitar os estatutos que propomos, passa a ser considerado como se estivesse no polo oposto, iniciando-se, então, disputas, choques e atritos completamente desnecessários. A liderança popular que mantém contato com pessoas de outras organizações partidárias já não deve ser procurada. Resiste-se a trabalhar com a oposição liberal-burguesa, num movimento unitário de caráter amplo, mesmo ali onde temos pouca penetração.

Os exemplos são inúmeros, mas todos têm em comum atitudes que nos afastam das ações e movimentos unitários de massa, das forças democráticas antiditatoriais, em contraposição à linha política partidária, causando assim reais prejuízos à luta ampla e vigorosa contra o regime militar em crise. Entre os que manifestam atitudes sectárias em nossas fileiras, não há uma correta compreensão de que a nossa luta hoje se dá no sentido de combater, isolar e derrotar o regime militar, e que para isso é necessário mobilizar e levar ações dos mais variados tipos às amplas massas trabalhadoras e populares, e todas as forças democráticas e antiditatoriais. Quem quer que de



seje dar um passo sequer nessa luta é um aliado, não importa que seja um aliado conjuntural. A luta pela nossa hegemonia não pode ser encarada senão como um processo de luta política, e seus êxitos serão frutos dos êxitos que tivermos no trabalho de mobilização unitária das mais amplas massas para a luta e da unidade das mais diversas forças antiditatoriais.

Na vida interna do Partido, o sectarismo aparece também sob múltiplas formas. A intransigência, por exemplo: não se busca discutir de forma independente e firme, no sentido de se chegar à unidade. Muitas vezes o debate não passa de mera troca de opiniões divergentes, já cristalizadas e encasteladas num raciocínio estreito e rígido, sem se buscar dar argumentos convincentes de uma maneira persuasiva, fraternal e respeitando as idéias dos camaradas.

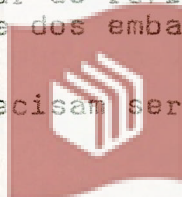
Um outro tipo de intolerância muito frequente na militância partidária, é aquele que surge diante de determinadas dificuldades reais que enfrentam os camaradas menos experientes, ou diante dos que revelam certa perda de perspectivas, certo desânimo ou mesmo deficiência. Há tendência de nos afastarmos daqueles camaradas que apresentam sinais de crise política ou ideológica e que necessitam ajuda fraternal, numa atitude que nada tem de camaradagem comunista. É como se a luta de classes que se desenvolve dentro de cada um de nós e que, em algumas ocasiões, leva à predominância de aspectos pequeno-burgueses, devesse ser considerada doença contagiosa, da qual tivéssemos que nos afastar.

Há ainda muito formalismo nas relações partidárias. É necessário estimular a camaradagem entre as fileiras comunistas, camaradagem que precisa ser a toda prova. Somos comunistas, tanto nas palavras como nos atos da nossa vida.

Ao procurarmos superar nossas debilidades, necessitamos compreender a situação que as gerou, que fatores favoreceram o aparecimento nas nossas fileiras de práticas sectárias, absolutamente estranhas ao partido do proletariado e à sua atividade de vanguarda. Nos últimos dez anos atravessamos um duro período de terror fascista, e nele a militância comunista exigia grandes sacrifícios. Cada militante e dirigente do Partido tinha de realizar um grande esforço pessoal a fim de manter-se vigilante e não se perder nos atalhos que surgem na estrada da luta anti-fascista. O nível de exigência que tínhamos o dever de colocar diante de cada um de nós criou tão fortes raízes que passamos a transportá-lo para toda a atividade partidária e, o que foi pior ainda, para as relações de trabalho político entre as massas e entre os aliados democráticos. Quase nos esquecemos que não nascemos revolucionários e muito menos comunistas. Nas relações de trabalho político entre as massas e entre os aliados, esses padrões rígidos de exigências dão os piores resultados, minam os diálogos francos e fraternais e a confiança mútua que deve existir, levam a que nos despreocupemos com o estilo de trabalho persuasivo e paciente, não nos imbuindo da compreensão de que a tática revolucionária do Partido exige flexibilidade e habilidade. Jamais podemos subestimar a verdade leninista de que as massas e os aliados só se convencem da justeza das nossas posições políticas através da sua própria experiência.

Quando analisamos esses anos de ditadura militar fascista, compreendemos a causa principal da juventude do nosso coletivo partidário e de sua pouca experiência política. Os militares fascistas não só mataram dezenas e prenderam centenas de nossos quadros e militantes, mas também provocaram prolongado refluxo na mobilização das massas. Nesse período de refluxo, foram principalmente setores da pequena burguesia radical que imprimiram sua marca à resistência anti-fascista, especialmente nos últimos anos. Em que pese o espírito revolucionário dessa resistência, esse fato possibilitou que predominassem largamente na vida política do país as propostas e métodos de luta radicalizadas e estreitas, próprias da pequena burguesia radical. Essa situação não poderia deixar de refletir negativamente em nossas fileiras, já que somos parte atuante dos embates de classe que se dão em nosso país.

Há ainda outras questões que precisam ser consideradas. No período de



refluxo, que atingiu também o proletariado, não se aplicou, com o necessário rigor, uma justa política de concentração de esforços nos setores fundamentais da classe operária. Isto dificultou que se tivesse em cada momento a medida exata da temperatura das aspirações das massas operárias e de sua real disposição de luta. Certos setores do coletivo partidário guiavam-se mais pela temperatura da parcela avançada da pequena burguesia radicalizada, base social, política e ideológica do sectarismo.

Ao nos esforçarmos para compreender a situação que gerou a penetração em nossas fileiras de práticas estranhas ao proletariado, devemos fazê-lo conscientes de que este tipo de deficiência na atividade partidária tem causado prejuízos. No quadro geral das dificuldades que ainda enfrentamos, é necessário ter em conta o transtorno que nos tem causado o nível insuficiente de assimilação do marxismo-leninismo pelo coletivo partidário. Seus reflexos negativos são visíveis nos vários tipos de incompreensões a respeito das tarefas imediatas e mediatas da revolução brasileira, principalmente as relacionadas com a necessidade de ganharmos massas de milhões para as posições revolucionárias do Partido. Estas tarefas exigem um alto grau de mobilização popular, só conquistado através da conjugação de variadas bandeiras políticas e múltiplas formas de lutas, além de uma hábil política de alianças. Para o cumprimento destas tarefas necessitamos um amplo conhecimento do marxismo-leninismo, capaz de nos fazer compreender a realidade para transformá-la.

O Partido necessita superar rapidamente as falhas existentes na estruturação em escala regional, a subestimação generalizada da importância da vida regular das células, as dificuldades temporárias para o pleno funcionamento do centralismo democrático, etc. É certo que muitas das debilidades verificadas em nossa atividade decorrem do cerco militar-fascista a que nosso Partido se viu submetido durante muitos anos, mas elas interferiram seriamente na compreensão das orientações políticas, na insuficiente assimilação do marxismo-leninismo, na inexistência de um combate decisivo às práticas estranhas ao proletariado e ao seu Partido, ocupando aí lugar destacado o sectarismo e o defensismo.

APROVEITAR AS CONDIÇÕES FAVORÁVEIS

Consideramos da maior importância abordar as debilidades do Partido, com a plena convicção de que elas podem ser superadas. É grande o capital político acumulado pelo nosso Partido nos seus 57 anos de luta, em especial nestes 17 anos de reconstrução orgânica, política e ideológica. Enfrentamos a ditadura militar nestes últimos quinze anos, sempre lhe oferecendo resistência ativa, de combate dos mais variados tipos. A combatividade revolucionária de nosso Partido está expressa nos nossos heróis e mártires, que são sementes de idéias revolucionárias a se multiplicarem. Aprendemos, avançamos e, na luta pela superação de nossas debilidades atuais, iremos aprender muito mais.

As condições que se criam no país são amplamente favoráveis ao maior desenvolvimento da atividade revolucionária do Partido. A classe operária está em ebulição, crescem os movimentos de oposição popular e democrática. Amplos setores de nosso povo protestam contra o regime militar, a opressão, a exploração, a fome e o entreguismo. O regime militar está em crise, não pode nem deve continuar. Este é um sentimento que se generaliza entre os brasileiros. Estão em gestação poderosos movimentos revolucionários, colocam-se na ordem-do-dia as palavras-de-ordem claramente definidas no "MANIFESTO À NAÇÃO", do Comitê Central do nosso Partido.

Devemos superar as debilidades que existem em nosso Partido a fim de que ele possa ocupar o papel de vanguarda consequente do proletariado revolucionário.

É o que vemos, é o que devemos cumprir.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

perspectivas do desenvolvimento da luta revolucionária

O informe do camarada Remizhlier, apresentado na seção científica realizada em Tirana em outubro próximo passado, é uma valiosa contribuição para a compreensão de importantes problemas da atualidade revolucionária. Partindo da conclusão enunciada pelo camarada Enver Hodja, no VII Congresso do Partido do Trabalho da Albânia, de que o mundo se encontra numa fase em que a causa da revolução e da libertação nacional dos povos é não só uma aspiração e uma perspectiva, mas, também, um problema candente que exige solução, o camarada Remizhlier enfoca os fenômenos fundamentais da realidade mundial, reafirma as principais teses da teoria marxista-leninista sobre a revolução proletária e combate com rigor os desvios oportunistas e revisionistas, desde Bernstein até a atual corrente chinesa.

A PERSPECTIVA DA REVOLUÇÃO EM ESCALA MUNDIAL

Analisando o aguçamento das contradições fundamentais da época em que vivemos, diz o camarada Remizhlier:

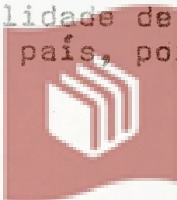
"a revolução estala no país onde o aguçamento dos antagonismos e a contenda entre as forças sociais e as classes opostas chegam ao seu ponto culminante, transformando o país num ponto débil do sistema mundial do capitalismo."

Indiscutivelmente, quando o sistema capitalista-revisionista mundial atravessa uma profunda crise multifacética, de caráter econômico, financeiro, social, cultural, ideológico e militar, a revolução proletária é a única saída para as massas trabalhadoras e os povos se livrarem da pesada carga de opressão a que estão submetidos. Combatendo a propaganda revisionista-oportunista, que procura negar o avanço e o desenvolvimento do processo revolucionário, diz o informe:

"agora existem muitos elos débeis na cadeia do sistema capitalista mundial. Isto nos indica claramente que a perspectiva revolucionária se desenvolve em vários pontos do globo simultaneamente: nos países imperialistas e capitalistas desenvolvidos, como os Estados Unidos, Japão e os da Europa Ocidental e Oriental, onde cresce a luta do proletariado contra a exploração capitalista e revisionista, como demonstram as numerosas greves e choques contra a política dos Estados burgueses e revisionistas; e, igualmente, nos países semi-coloniais e dependentes da África, Ásia e América Latina, onde se agravam as condições de seus povos contra a dominação imperialista e a opressão das classes nativas. Em uma e outra situação revolucionária, cabe ao proletariado o papel dirigente e hegemônico, condição fundamental para que sejam liquidados em definitivo as causas do atraso e do sofrimento das massas trabalhadoras".

A situação da América Latina demonstra de forma irrefutável esta tese, pois não é casual a existência, em treze países latino-americanos, de ditaduras militares reacionárias e fascistas, além de diversos outros governos constitucionais reacionários. A existência dessas ditaduras militares e governos retrógrados prova que, nesses países, as classes dominantes e o imperialismo, para poderem manter seu domínio e defender seus privilégios, têm que adotar um terror fascista frente à luta crescente das massas.

A existência de muitos elos débeis na cadeia do sistema capitalista é uma particularidade do desenvolvimento atual das contradições em escala internacional, que determina a possibilidade de uma situação altamente favorável ao avanço da revolução em cada país, pois esses processos revolucio-



nários se entrelaçam e influenciam mutuamente, oferecendo a cada luta particular, ampla base de apoio em escala internacional.

Reafirmando a teoria marxista-dialética de que as transformações revolucionárias se dão fundamentalmente através do desenvolvimento das condições internas, diz o informe:

"na determinação dos elos mais débeis do sistema capitalista, os marxistas-leninistas não partem de desejos subjetivos e arbitrários, mas têm presente, em primeiro lugar, os fatores objetivos, aquele entrelaçamento e exarcebamento em mais alto grau de todas as contradições do capitalismo, que põem a revolução diretamente na ordem-do-dia".

Os imperialistas e os revisionistas não assistem passivos esse processo de desenvolvimento revolucionário, e tudo fazem para impedi-lo, utilizando tanto os métodos violentos de repressão, como o engano e desvio das massas de seu correto caminho. As condições objetivas, por si mesmas, não conduzirão espontaneamente à vitória da revolução.

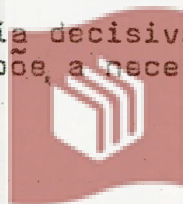
O FATOR SUBJETIVO - ASPECTO DECISIVO NA PERSPECTIVA REVOLUCIONÁRIA

Atendo-se aos princípios do marxismo-leninismo, sobre o papel do proletariado e de seu partido no aproveitamento das situações favoráveis ao desencadeamento da revolução, o informe assinala:

"os fatos indicam que tem havido, há e haverá situações revolucionárias; que, em determinados países, essas situações se transformaram em revoluções; se em alguns outros países não se converteram em revoluções, isso se explica pelo fato de que a situação revolucionária é somente uma possibilidade objetiva para a revolução. Para que essa possibilidade se materialize, é preciso também ter as condições subjetivas".

Sem um partido revolucionário proletário, que se guie pelo marxismo-leninismo e saiba aplicá-lo à solução dos intrincados problemas que a luta de classes coloca, as classes dominantes sempre poderão encontrar uma solução momentânea para as crises e, com isso, conseguir postergar a existência de seu odiado regime. No Brasil, por exemplo, nesses últimos sessenta anos, por mais de uma vez o aguçamento das contradições internas e as ações das massas contra as classes dominantes, criaram situações revolucionárias sem que, no entanto, fossem aproveitadas pelo proletariado e seu partido de vanguarda, para levar a cabo as transformações radicais que eram aspirações da maioria da nação. Nos anos 20 a 30, essa situação de luta e inconformismo das massas foi aproveitada pela pequena burguesia revolucionária e por um setor da burguesia nacional, que conduziram essas lutas pelo caminho do compromisso com a oligarquia e o imperialismo. O mesmo volta a ocorrer no fim da década de 50 e início da de 60: cresceram os movimentos de massas e as exigências de transformações radicais, a perspectiva revolucionária colocou-se na ordem-do-dia. Mais uma vez, é o fator subjetivo o fator decisivo que não está à altura da situação. Os revisionistas, com Prestes à frente, difundiam suas concepções oportunistas da transição pacífica e do caminho pacífico. A burguesia reformista no governo igualmente difundia a idéia de que seria possível liquidar o atraso e a dependência do país através de pequenas reformas e de soluções de compromisso com os imperialistas e as classes reacionárias internas. Nosso Partido, reorganizado em fevereiro de 1962, não teve tempo, nem condições suficientes, de conseguir transformar a consciência das massas, dominada pelas idéias revisionistas e reformistas. Portanto, foi se aproveitando da fraqueza do fator subjetivo que as classes reacionárias, orientadas e dirigidas pelo imperialismo norte-americano, subiram ao poder, iniciando assim o longo período de ditadura no país.

A compreensão correta da importância decisiva do fator subjetivo para o desencadeamento da revolução, nos impõe a necessidade do fortalecimento



orgânico e ideológico do Partido, e da sua mais profunda ligação com as massas interessadas na revolução, em particular, com o proletariado e o campesinato. A subestimação do fator subjetivo conduz, inevitavelmente, ao oportunismo e às posições revisionistas, pois, ao privar o proletariado de seu principal instrumento de luta revolucionária, colocam-no a reboque da burguesia ou da pequena burguesia radical. Todas as correntes oportunistas e revisionistas que surgiram no seio do movimento comunista internacional se caracterizaram sempre pela negação do papel dirigente do Partido e de sua necessidade histórica para a vitória da revolução proletária. A reiterada afirmação da importância do fator subjetivo, portanto, do Partido, para o avanço da revolução, por parte dos camaradas do Partido do Trabalho da Albânia e pelo camarada Enver Hodja, é uma evidência a mais da firme posição de princípios em que esse Partido sempre se manteve.

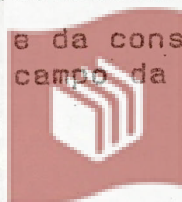
O REVISIONISMO — ARMA DO IMPERIALISMO E DA REAÇÃO PARA FREAR O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO

A burguesia e demais classes reacionárias sempre tiveram muito claro o valor e a importância da existência e da consolidação do partido do proletariado e, por isso, tudo fizeram para esmagá-lo ou deturpar-lhe o caráter. Apóiam-se na opressão reacionária e recorrem à repressão violenta contra o Partido e toda manifestação da luta das classes oprimidas, buscando manter as massas em estado de submissão e de atraso. No entanto, compreendendo que com esse método o que fazem é radicalizar ainda mais as contradições sociais, procuram, através de pressões políticas e ideológicas, corromper e degenerar os partidos proletários, destruindo, dessa forma, o único instrumento capaz de elevar a consciência das massas e organizá-las para a revolução. A degeneração dos outrora partidos comunistas em organizações revisionistas significou, em última instância, uma vitória parcial dos reacionários em sua luta contra o proletariado e as massas trabalhadoras exploradas. É evidente que, para fazer avançar a revolução, o proletariado precisa, em primeiro lugar, limpar suas fileiras de todos os oportunistas e vacilantes. A compreensão do papel do revisionismo como instrumento contra-revolucionário a serviço do imperialismo e da reação mundial é, igualmente, importante fator para a consolidação dos verdadeiros partidos proletários. A este respeito, o informe do camarada Remizhlier sublinha:

"os partidos revisionistas se distinguem em nossa época, por sua atividade sabotadora; estando totalmente a serviço da burguesia, propagam ilusões reformistas, desviam os trabalhadores da atividade revolucionária, põem obstáculos à elevação da consciência das massas. (...) A atividade de sapa dos revisionistas contemporâneos soviéticos, eurocomunistas, iugoslavos, chineses, etc., tem suscitado grande desorientação e, em consequência, o fator subjetivo ainda não corresponde às situações revolucionárias explosivas que se criam no mundo. No entanto, hoje, no processo das lutas de classes, se fortalece cada vez mais a consciência revolucionária da classe operária e das amplas massas trabalhadoras, acentuam-se as tendências de libertar-se da influência da social-democracia e dos revisionistas, reforçam-se os novos partidos marxistas-leninistas".

Assim, o informe do camarada Remizhlier coloca, em primeiro plano, a tarefa fundamental da defesa intransigente da pureza da teoria e da ideologia marxistas-leninistas no seio de cada partido e no conjunto do movimento comunista internacional. A prática tem demonstrado que todas as correntes revisionistas e oportunistas que surgiram, sempre procuraram desfigurar a essência do marxismo-leninismo e, para isso, sempre transformaram os partidos que conseguiram dominar, de revolucionários, em partidos reformistas.

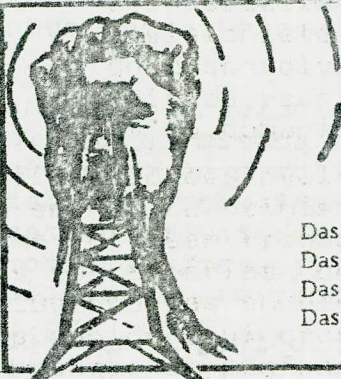
A luta em defesa da existência e da consolidação dos partidos marxistas-leninistas, tem se dado não só no campo da teoria e da política, como i



gualmente, no terreno orgânico, pois os revisionistas e todas as demais correntes oportunistas, como os trotsquistas, que procuram combater os verdadeiros partidos proletários, tudo têm feito para dividi-los e enfraquecê-los. Desta forma atuaram os kruschevistas, quanto aos partidos que resistiram e enfrentaram a sua traição, e igualmente os revisionistas chineses, que, por sua prática anti-leninista nas relações entre os partidos-irmãos, sempre procuraram dificultar a consolidação dos verdadeiros partidos marxistas-leninistas, estimulando e apoiando a formação de frações e grupos, dentro e fora dos partidos, ou reconhecendo no mesmo nível várias organizações e partidos como sendo representantes igualmente válidos do proletariado de um mesmo país. Essa antiga prática dos revisionistas chineses intensificou-se ainda mais após a formulação, por Mao Tse-tung, da teoria revisionista dos três mundos, a qual procuram impor aos demais partidos, mas que foi repudiada pela maioria destes. Os verdadeiros partidos marxistas-leninistas enfrentam com decisão o ataque concentrado dos revisionistas de todos os matizes. Por mais difícil que seja a luta do proletariado e das classes oprimidas, estas, em definitivo, serão as vitoriosas. Esta idéia está expressamente formulada pelo camarada Remizhlier:

"atualmente, vivemos uma época em que o socialismo conquistou uma grande popularidade e se converteu em uma ardente aspiração de todos os povos. A traição kruschevista, e a transformação da União Soviética em um país burguês e imperialista, assim como a consolidação das posições revisionistas na China, não podem alterar, nem as leis do desenvolvimento da sociedade em seu conjunto, nem as leis da revolução. O futuro pertence aos povos, pertence ao comunismo".

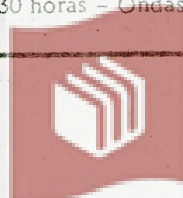
As perspectivas do desenvolvimento da luta revolucionária em escala mundial, só podem encher de otimismo nosso Partido e o povo brasileiro, que vêm travando uma luta sem tréguas contra a ditadura militar, o imperialismo e as classes reacionárias dominantes em nosso país. O amadurecimento das condições revolucionárias em diversas partes do mundo contribui, igualmente, para o mais rápido e vigoroso desenvolvimento do nosso processo interno. A sua compreensão em profundidade, ajuda-nos a compreender, com maior precisão, o nosso dever com o partido marxista-leninista revolucionário: organizar, orientar e dirigir o proletariado e todas as camadas e classes oprimidas do Brasil, na luta pela vitória da revolução, a conquista de um regime de verdadeira liberdade para o povo, e a completa independência do país, em marcha para o socialismo.



OUÇA DIARIAMENTE:

RÁDIO TIRANA

Das 7:00 às 7:30 horas - Ondas de 25 e 31 metros
 Das 20:00 às 21:00 horas - Ondas de 31 e 42 metros
 Das 22:00 às 23:00 horas - Ondas de 31 e 42 metros
 Das 23:00 às 23:30 horas - Ondas de 31 metros



um novo foco de reação e de guerra

Após a visita de Teng Hsiao Ping aos Estados Unidos, onde foi continuado o conluio entre os dois países, pechinchar dólares e fazer propaganda guerreira, a China atacou militarmente o Vietnam, numa operação que envolveu centenas de milhares de soldados. Em seu atual objetivo de impor sua política chauvinista, destruiu aldeias e cidades, devastou plantações, matou e feriu populares e patriotas empenhados na defesa de sua terra natal.

Os motivos invocados pela China para desfechar a agressão, são semelhantes aqueles a que outrora recorreram, na sua ânsia de domínio, com o mesmo cinismo e a mesma carência de lógica: "eu sou o mais forte, e minha vontade deve ser acatada por bem ou por mal". Tal o raciocínio dos que pregam o direito da força, dos que rejeitam e desprezam os direitos elementares de soberania e independência nacional. A China invadiu o Vietnam, segundo seus dirigentes, para dar uma lição aos vietnamitas. Uma lição de obediência à moda dos antigos colonizadores. Não faltava mais nada aos apologistas da aliança com os imperialistas e com a reação mundial.

Fracassados em seus intentos de utilizar ou desmoralizar o governo de Pol Pot, no Camboja, como instrumento de sua política aventureira, os comandantes chineses tiraram a máscara e apareceram com sua fisionomia própria, social-imperialista: mobilizaram tropas, recorreram às armas; enfim, puseram em prática suas idéias. Demonstraram assim, o caráter belicoso e contra-revolucionário da linha chinesa.

A China busca transformar-se em grande potência com a ajuda dos monopolistas da América, da Europa e da Ásia. Desde já, trata de assegurar áreas de influência e de domínio, particularmente nos países do chamado terceiro mundo, onde se aliam ao que há de mais retrógrado, bem como no Sudeste asiático. Sob o pretexto de combate ao social-imperialismo russo, que disputa também o domínio dessas áreas, os revisionistas chineses tentam abrir caminho para a sua dominação. O ataque ao Vietnam e a pressão militar nas fronteiras do Laos fazem parte de sua estratégia expansionista. A política social-imperialista da China constitui sério perigo à soberania e à independência das nações mais fracas. Seu método pouco difere dos utilizados pelas duas superpotências e outros países imperialistas, todos rapaces e opressores. Era iludindo os povos que até ontem se cobria com o manto do socialismo, e fingia apoiar os movimentos de libertação nacional e social. Agora, fica mais claro o sentido de suas ações revisionistas, de negação dos princípios fundamentais do marxismo-leninismo. Um país que se diz socialista, que prega abertamente a guerra ou a ela recorre, direta ou indiretamente, para manter posições estratégicas que lhe assegure vantagens num confronto maior, e que lhe garanta áreas de influência, esse país nada tem de comum com o socialismo. É um produto típico do capitalismo em decomposição.

Desde há muito tempo a China se prepara para uma investida dessa natureza. Sua luta contra o revisionismo soviético, superficial e vacilante, era fundamentalmente resultado de sua rivalidade com a União Soviética no terreno de disputas territoriais e de concorrência por zonas de influência. Adotando o caminho capitalista, com altos e baixos, avanços e recuos, em especial a partir do VIII Congresso do Partido Comunista Chinês em 1956, era inevitável que chegasse a semelhante desfecho. As leis objetivas do desenvolvimento capitalista conduzem a uma tendência monopolista, expansionista e guerreira.

Durante um certo tempo, a China falava de revolução e emancipação dos povos, embora ficasse apenas nas palavras. Pouco a pouco, tratou de sabotar os movimentos revolucionários, de dividir e enfraquecer os partidos proletários, de corromper com falsas teorias a consciência dos lutadores de vanguarda. Em sua própria casa desencadeou feroz repressão contra os elementos de esquerda. Hoje, revela-se tal como é: social-imperialista.

Os povos estão diante de um novo foco de reação e de guerra, brutal e violento como o social-imperialismo russo e os belicistas norte-americanos, embora menos poderosos.

A invasão do Vietnam pela China é sinal de alarme, que chama a atenção para a necessidade de redobrar a vigilância e de desarmar os punhos agressivos dos neocolonialistas, desses três arquinelos da Desemancipação e da traição, da Independência Nacional e do Socialismo.



CDM

União da Desemancipação e da
Fundação Maurício Grabois

calorosa mensagem do p.c. da colômbia (m-1)

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil recebeu com entusiasmo uma calorosa mensagem do Comitê Central do Partido Comunista da Colômbia Marxista-Leninista. Publicamos a seguir, esta mensagem, expressão da grande e fraternal amizade que une nossos dois partidos proletários revolucionários.

"Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil
Queridos Camaradas:

Recebam nossas saudações proletárias e combativas. Recentemente, realizou-se o VII pleno do Comitê Central do Partido Comunista da Colômbia Marxista-Leninista, cujos trabalhos realizaram-se num cálido ambiente de unidade marxista-leninista, favorecendo a adoção de importantes conclusões para o trabalho do Partido nos planos nacional e internacional.

O VII pleno do Comitê Central aprovou por unanimidade o envio de uma saudação ao seu Partido, com o qual possui sólidos vínculos ideológicos e políticos. Temos interesse em fortalecer esses vínculos, porque compreendemos que é necessário trabalhar pela unidade do movimento marxista-leninista internacional. Somos internacionalistas, e praticamos consequentemente o internacionalismo proletário.

Juntamente com esta saudação, queremos expressar-lhes nossas felicitações pelos êxitos alcançados em seu trabalho e lhes desejamos maiores vitórias.

Face aos problemas que afetaram o movimento marxista-leninista, o P.C. da Colômbia Marxista-Leninista assumiu uma posição firme e clara em defesa dos princípios marxistas-leninistas. Defendemos intransigentemente o marxismo-leninismo, que é a nossa ideologia, e lutamos sem tréguas contra o revisionismo e o oportunismo de todos os matizes; ao mesmo tempo em que enfrentamos, em nosso país, os inimigos do povo e do proletariado colombiano. Atualmente, cumprimos também a tarefa de desmascarar e combater as raízes ideológicas do revisionismo chinês, que é uma nova ameaça para o proletariado, os povos e a revolução.

O VII pleno do Comitê Central assinalou que o revisionismo chinês entrou em cena com a intenção de apagar as chamas da luta revolucionária dos povos. Estamos claramente convencidos de que o apoio incondicional dos revisionistas chineses ao imperialismo, ao revisionismo e à reação, tampouco os salvará de sua ruína definitiva. O ruído que atualmente se faz sobre a amizade sino-ianque, tornando-se públicas as relações oficiais, não poderá amainar o combate que as massas trabalhadoras estão desenvolvendo em distintas partes do mundo.

O P.C. da Colômbia Marxista-Leninista entende que a luta contra o revisionismo contemporâneo, incluindo o revisionismo chinês, deve aguçar-se e aprofundar-se, pois esta luta é benéfica para o proletariado e para os interesses da revolução. Os marxistas-leninistas não têm interesse nenhum em adiar ou suprimir esta luta necessária contra o revisionismo; ela é imprescindível; nós a compreendemos como parte da luta que realizamos pela libertação nacional e social. Estamos conscientes de que esta luta fortalecerá a unidade de princípios dos partidos marxistas-leninistas, condição fundamental para impulsionar a revolução na presente época histórica. A traição dos revisionistas chineses tampouco poderá obscurecer o farol luminoso do marxismo-leninismo, autêntico guia para o proletariado e os povos.

Camaradas! Podemos informar-lhes que o P.C. da Colômbia Marxista-Leninista se fortaleceu em qualidade e quantidade neste período, aprofundou seus vínculos com as massas, principalmente com a classe operária. Está participando ativamente das distintas formas de luta das massas; prossegue sem vacilações a luta armada revolucionária que abre claras perspectivas de vitória à revolução colombiana. Esta situação favorável nos estimula no trabalho e estamos seguros que possibilitará novos êxitos. Nosso Partido cumprirá sem falta seus compromissos com o povo colombiano, com o proletariado internacional e com os partidos-irmãos, os partidos autenticamente marxistas-leninistas. Estamos certos de que a fidelidade aos princípios marxistas-leninistas e a luta consequente para alcançar os objetivos políticos que nos unem na luta comum, nos manterão nas mesmas trincheiras.

Reiteramos ao Partido Comunista do Brasil irmão, nossa saudação de combate. Combatendo unidos, venceremos.

O C.C. do P.C. DA COLÔMBIA MARXISTA-LENINISTA